

ELENA P. MELODIA

# ESCURIDÃO

*Tradução*  
Eliana Aguiar





*Há somente uma luz acesa na grande sala sem divisórias da agência de publicidade.*

*É a luminária da mesa de Alek, que ficou trabalhando no storyboard de uma campanha importante, para um novo modelo de iate de luxo.*

*São mais de duas horas e tudo a seu redor está mergulhado num silêncio profundo.*

*Alek nunca se importou de ficar até tarde no escritório. No começo achava até excitante: a agência inteira à sua disposição. Mas nos últimos tempos tinha começado a sentir uma inquietação sutil ao ver os colegas indo para casa, um a um, as escrivainhas se esvaziando, as luzes se apagando, as vozes se perdendo pelos corredores até desaparecerem.*

*Sacode a cabeça para afastar pensamentos que considera estúpidos. Tenta se concentrar no trabalho. Olha para o relógio de luxo, presente de Shel, sua namorada. É muito bonita, e ele sabe que nunca terá filhos com ela. Caso venha a querer...*

*Alek sorri. São quase três da manhã. Hora de voltar para casa. Com calma metódica organiza a escrivainha, joga na lixeira o copo de papel vazio no qual bebeu o seu*

*habitual café, apaga a luz da luminária e liga o interruptor da iluminação principal. De repente, a sala enorme não está mais no escuro. As lâmpadas fluorescentes são quase ofuscantes depois de tanta penumbra. Alek pisca os olhos. Vê alguma coisa se mexendo à distância, ao longo da parede do fundo.*

*— Estou mesmo cansado — murmura.*

*Boceja para recuperar um pouco de oxigênio.*

*Pega os desenhos da campanha e recoloca numa pasta de cartolina azul-escura, que enfia debaixo do braço.*

*Dirige-se para a saída, mas seus passos não fazem barulho no espesso carpete marfim que recobre o chão.*

*Uma porta se fecha diante dele. Alek para de repente, assustado.*

*Em seguida, recomeça a caminhar. Deve ter sido uma janela aberta que bateu com o vento, imagina. Mas não acredita de verdade.*

*Lança olhares furtivos a seu redor, com a desagradável sensação de que alguém o observa.*

*Acelera o passo e chega aos elevadores. Dois deles chegam a seu andar. As quatro portas laqueadas de preto se abrem ao mesmo tempo. Os elevadores estão vazios. Alek entra no que está à sua esquerda e vira de repente para olhar para trás. Enquanto o elevador se move, percebe que o outro também está descendo. A sensação é cada vez mais concreta e assustadora.*

*Sente que está sendo seguido.*

*Mas quando chega ao térreo, o pátio está vazio. E, felizmente, iluminado.*

*Alek segue rapidamente para a porta de entrada. Dirige-se para o estacionamento. Seu carro é o único, bem no*

*fundo. Um velho conversível branco, com a capota preta, presente de formatura dos pais. Atrás, um grande painel publicitário serve de pano de fundo, representando a estrutura de uma montanha-russa cujos trilhos seguem para uma inscrição: GRANDE ABERTURA 19 DE FEVEREIRO. É uma de suas campanhas.*

*Por que não estacionei mais perto?, se pergunta, nervoso, enquanto atravessa o estacionamento. O outro elevador chegou ao térreo. Mas Alek não se vira. Caminha mais rápido.*

*É quase uma corrida para chegar à porta do conversível branco, com as chaves na mão. Na outra, aperta a pasta azul o mais forte que pode. Tem a impressão de que, uma vez lá dentro, estará a salvo. Voltará para casa e tomará um belo banho quente antes de deitar.*

*Sente-se um pouco mais tranquilo.*

*Sim, é só uma impressão, repete consigo mesmo, enfiando a chave na fechadura da porta. Mas não tem tempo de girá-la. Um golpe seco o atinge na nuca.*

*Alek cai no chão mergulhando na escuridão total.*

*Aquele tipo de escuridão que nunca mais dará lugar à luz.*

Acordo sobressaltada. Tudo escuro.

Que horas serão?

O despertador marca meia-noite. Acendo a luz e vejo meu caderno roxo. Está ali no chão, ao pé da cama, na mesma posição em que o deixei.

Como se esperasse por mim, com aquela página cheia de uma caligrafia que não me lembro de ter escrito.

Ao olhar para ele, sinto uma vertigem, como se estivesse na beira de um precipício. Na beirada da cama, me estico, toco nele com a ponta dos dedos e consigo pegá-lo. Encolhida sob as cobertas, não resisto a continuar lendo o que comecei de manhã.

Fui eu quem escreveu, mas com uma escrita que não controlava, um fluxo de pensamentos independente de minha vontade. Aquilo deve ter jorrado numa espécie de transe. De sonho. De pesadelo. De realidade. Não me lembro do que escrevi. Palavras em jatos, sem pensar. Apesar do cansaço, e do fôlego curto, e da escuridão que pressiona do lado de fora das janelas, leio. E não acredito naquelas palavras. Repito para mim mesma que talvez tenha descrito parte de um sonho. Talvez tenha conseguido fixar uma fantasia no papel.

Por quê?

E quando?

Pulo sentada na cama, os olhos colados num caderno roxo, de páginas marfim. Meu rosto não exhibe qualquer expressão.

É uma leitura atenta, que me deixa esgotada. Quando acabo, adormeço com a luz acesa e o medo se esfuma na fronteira entre o sonho e a realidade, entre consciente e inconsciente, entre Alma e alguma outra coisa.

O som do despertador é traumático.

O corpo reage automaticamente, mas parece pesado demais para ser o meu. Tenho a cabeça tão cheia de imagens que parece vazia, pois não consigo me concentrar em nenhuma delas em particular. Adam, a emboscada, Agatha, os gritos, o conto no caderno, são muitos os espinhos que martirizam minha mente. Continuo afogada

numa sensação de angústia sustentada por uma dor leve, mas constante.

Vou até a janela e a abro. À luz acinzentada da manhã, o caderno roxo resplandece como uma ameaçadora máscara tribal. Deixei-o na cama, ainda aberto. Preciso sumir com ele. Escolho o armário, embaixo de tudo. Vestidos, sapatos, bolsas, velhos bichinhos de pelúcia, qualquer coisa, desde que ninguém consiga encontrá-lo. Levanto tudo e coloco o caderno por baixo.

Preciso de uma chuva.

No corredor, encontro minha mãe, que me olha espantada, como se tivesse acabado de ver uma chuva de rãs.

— Alma? O que andou aprontando ontem à noite?

— Não dormi muito bem.

Tento não levantar os olhos. Os cabelos caem sobre meu rosto.

— Gad vem jantar conosco hoje à noite.

— Ah.

Gad é o novo namorado de minha mãe. Ela tinha dois bônus de invalidez sentimental para descontar: de separada de um homem que não valia nada (meu pai) e de viúva (o pai de Lina e Evan). Podia tê-los usado para alguma coisa melhor: escolheu Gad. Ou melhor, ele a escolheu e ela só fez aceitar. Seguiu adiante, como aquelas vacas que, sem pensar, seguem na fila para o matadouro. Gad é uma boa pessoa, ninguém nega isso. Mas é um sujeito gordo e quase sempre suado. É proprietário de um bar especializado em frituras. Isso significa que fede a fritura 24 horas por dia, sete dias por semana. Cinquenta e

seis semanas por ano. E não namoram tempo suficiente para que se possa dizer que fede também no dia 29 de fevereiro, o dia que só existe uma vez a cada quatro anos. Não existe sabão, perfume, solvente que possa vencer aquele cheiro. Até o seu dinheiro parece passado no óleo.

Jenna diz que já se habituou. E talvez seja isso mesmo, pois a fritura faz parte do pacote “amor incondicional, apoio econômico e disponibilidade total” que Gad lhe ofereceu, ou melhor, nos ofereceu. Porque Evan, Lina e eu, queira ele ou não, fazemos parte da troca.

A questão é que Jenna se contenta com pouco. E se equivoca. Sempre foi uma bela mulher, muito atraente. Mas as porradas que levou, porradas sentimentais, bem entendido, a enfraqueceram. Fecharam seus olhos, além do nariz. Quem anda com os coxos aprende a coxear. E, assim, ela também tem um cheiro estranho ultimamente, uma mistura de fritura e remédios que parece ter o poder de desmaiar o azul de seus olhos, apagar o castanho dourado de seus cabelos e marcar com mais profundidade as rugas de seu rosto.

Ao contrário de Gad, Jenna emagrece um pouco a cada dia. E seu encanto vai sumindo.

Olho para ela através das mechas de meus cabelos, que parecem barras de ferro negras. Quem de nós duas está presa? Ela ou eu?

— Batatas fritas? — pergunto sarcástica.

— Poderia demonstrar algum entusiasmo de vez em quando.

Não digo mais nada.

— Pode deixar. Sei que não gosta dele. Mas tente pelo menos ser gentil.

Suspira e se afasta.

Sempre sou gentil.

No banheiro, me fecho imediatamente no chuveiro.

Lavo de mim tudo o que posso.

Às oito da manhã as ruas da cidade estão cheias de gente.

As pessoas caminham apressadas, telefonam, comem, bebem, tudo junto, para poupar tempo. E para não perceberem que aquilo é totalmente inútil.

Alguém faz *jogging*, ali, no meio do trânsito. Com seus ridículos tênis tecnológicos e fones: suando e ouvindo cantos distantes, esse caras tentam se convencer de que não pertencem àquela engrenagem de loucura, gasolina e eletricidade que está nos fazendo mergulhar no grande mundo do nada.

A preço de liquidação, ainda por cima.

Enquanto espero que o homem vermelho do sinal se transforme num homem verde, penso em Adam. Em meu sonho. No conto. Tudo junto, também para poupar tempo.

Entro num bar. Preciso de alguma coisa quente.

— Um café, por favor — peço ao rapaz atrás do balcão.

Ele olha para mim. Tem os olhos grandes, cor de avelã. Parece satisfeito em me servir. Mal sorrio para ele. Usa um avental que não é seu, mas começa a agir imediatamente. Um instante depois, serve o meu café.

— Está quente.

Pego com cuidado o copo para viagem e toco seus dedos quentes com os meus.

Pago.

— Bom dia — deseja ele.

— Obrigada.

Vou me afastando com seu olhar colado em minhas costas, nos jeans apertados, nas botas marrons, nas pontas de meus saltos.

Sei que você está me olhando, penso. Deixo que olhe. Gosto de ser o centro das atenções.

Perto da porta do bar há uma pilha de jornais. Começo a folheá-los, enquanto o homem do sinal fica vermelho de novo. O título na primeira página do *City News* está escrito em letras maiúsculas. E embaixo tem até uma foto.

Um cartaz publicitário com uma montanha-russa.

GRANDE ABERTURA 19 DE FEVEREIRO.

Conheço aquela publicidade.

Conheço muito bem.

Agarro o jornal.

“Jovem publicitário barbaramente crucificado.”

De repente, o copo de café fica quente e pesado demais. Escorrega de minha mão e seu conteúdo se espalha no chão, ao redor de minhas botas.

— Oh, meu Deus!

#### *JOVEM PUBLICITÁRIO BARBARAMENTE CRUCIFICADO*

*O corpo do publicitário Alek M., 32 anos, foi encontrado na madrugada de hoje no estacionamento diante da agência de publicidade onde trabalhava. O jovem, muito conhecido no ambiente publicitário como idealizador de algumas campanhas de sucesso, foi encontrado barbara-*

mente crucificado no cartaz criado pela própria vítima para o relançamento do velho parque de diversões da cidade. Somente as investigações da polícia poderão esclarecer se foi uma simples coincidência ou uma escolha precisa do assassino. O porteiro da agência, que encontrou o corpo, descreveu a cena como “chocante e de uma violência fora do comum”. A polícia foi chamada e tratou de retirar o corpo imediatamente, numa operação longa e difícil, que precisou da intervenção dos bombeiros. Com a ajuda de uma escada, chegaram até o corpo e extraíram os quatro pregos encravados nas mãos e nos dorsos dos pés. Segundo a primeira reconstituição dos fatos, parece que o jovem ficou trabalhando no escritório até tarde da noite. Os agentes encontraram as chaves ainda enfiadas na porta do conversível branco e uma pasta azul abandonada no asfalto do estacionamento, com os desenhos da nova campanha em que o publicitário estava trabalhando. O modo como o corpo foi içado até o cartaz, a uma altura de 3 metros do chão, ainda não tem nenhuma explicação. Os investigadores não excluem a possibilidade de que várias pessoas tenham participado do assassinato.

Hoje à tarde, a polícia ouvirá novamente o depoimento do porteiro e interrogará os colegas de trabalho e os parentes da vítima. A namorada de Alek M., a popular modelo Shel V., fechou-se em silêncio absoluto e não dará nenhuma declaração. Alek M. foi descrito como uma pessoa “jovial” e querida por todos. A autópsia e o material coletado pela perícia poderão revelar novos detalhes.

Meu Deus, penso.  
O nome é o mesmo. Alek.

O lugar é idêntico. E também a descrição do que acontece: em meu conto, Alek ficou trabalhando sozinho na agência. Mas quando sai do edifício, se sente seguido. O elevador — o outro elevador — começa a se mover logo depois do seu.

Meu conto é terrivelmente preciso: fiz uma descrição do cartaz publicitário. O mesmo cartaz em que ele foi encontrado... crucificado.

Simplesmente não é possível.

Não posso acreditar.

Examino as palavras do meu conto, o artigo do jornal, passando sem parar de um para outro. Depois me afasto, arrumo tudo como estava antes e vou em direção ao banheiro.

Tiro a roupa, lentamente, como se estivesse seguindo uma espécie de ritual, depois me enfio no chuveiro. Observo longamente a torneira antes de acioná-la. Tenho uma relação estranha com a água. Adoro quando escorre, detesto quando fica imóvel. Nunca conseguiria tomar um banho de banheira. Nunca mergulhei na água.

Não sei nadar.

Entretanto, continuo a pensar: como pude escrever aquele conto?

O jantar é igual a mil outros jantares: Evan fica em silêncio pensando em suas coisas, Lina não fala, mas ouve atenta os discursos dos outros, Gad conta sobre sua filha, Tea, que ao que parece foi pega roubando no trabalho. Reclama que não sabe mais o que fazer com ela e Jenna censura sua fraqueza sacudindo a cabeça.

— Agora não vai conseguir recuperá-la mais, Gad.

— Mas é minha filha! O que quer que eu faça?

— Nada de especial. Mas não dê mais nem um tostão! Ninguém a mandou roubar!

Minha mãe está evidentemente alterada. Tem mil defeitos, mas não aceita certas coisas. Trabalha dia e noite para trazer dinheiro para casa e não suporta quem se comporta com desonestidade.

Gad bufa, em dificuldade com a pimenta e com a discussão.

— Claro, certamente você tem razão. Eu errei e ela errou. Mas sabe como é, tem que pagar a hipoteca e tem o Michi...

— Deixe Michi fora disso! — explode Jenna.

— Mas...

— Se sua filha se meteu com um vagabundo, foi escolha dela. Assim como foi escolha dela roubar dinheiro no escritório. O que estava querendo fazer? Tirar umas férias?

— Já pediu desculpas e tem esperança de que o chefe retire a denúncia.

— E você acredita?

— Espero. Só precisa restituir o que roubou.

— E onde vai encontrar o dinheiro para devolver?

— Infelizmente, eu não tenho.

— Ainda bem! Senão ia acabar dando a ela e tudo seria como das outras vezes, com você tirando sua filha das enrascadas em que se mete.

Pobre Gad. Quase me dá pena. Um homem tão bom e gentil, incapaz de enfrentar a própria filha. Tea tem alguns anos mais que eu, mas não somos amigas. Já nos vimos de passagem algumas vezes, mas hoje não saberia dizer se é loura ou morena. Acho que nos odeia

porque somos mais bocas para a já debilitada carteira de seu pai alimentar. Mas odeia sobretudo esta que lhes escreve, pois eu disse que o namorado dela, Michi, estava dando em cima de mim na festa de aniversário de Gad. Ela respondeu que eu não passava de uma mentirosa, e desde então não a vi mais.

Durante a discussão, encontro várias vezes o olhar de Lina. Tenho a impressão de que sabe o que está me acontecendo e está tentando me ajudar. Mas há muita angústia em torno dessa mesa hoje e Lina prefere abaixar os olhos e fitar seu prato meio cheio.

Move os lábios imperceptivelmente.

Como se estivesse rezando.

Não faço isso nunca, nem quando, depois do jantar, com a respiração presa na garganta, mergulho de volta na solidão de meu quarto. As luzes da cidade entram pela janela e cortam o ar e as coisas, inclusive eu.

Amanhã é quinta-feira.